

TRABALHOS DE PESQUISA

O CORPO E A CULPA: A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA SOB A INFLUÊNCIA DE RELIGIÕES CRISTÃS

Nathália Kelen de Sousa Freitas¹ , Iara Raquel Garcia Silva² , Karina Fideles Filgueiras³ 

THE BODY AND THE GUILT: THE BUILDING OF FEMALE SEXUALITY UNDER THE INFLUENCE OF CHRISTIAN RELIGIONS

EL CUERPO Y LA CULPA: LA CONSTRUCCIÓN DE LA SEXUALIDAD FEMENINA BAJO LA INFLUENCIA DE LAS RELIGIONES CRISTIANAS

Resumo: Este artigo busca expor os resultados de uma pesquisa apresentada à disciplina Estágio: Práticas Investigativas III do curso de Psicologia da PUC-MG, realizada com o objetivo de investigar como algumas religiões cristãs influenciam na formação da sexualidade feminina. As hipóteses pautaram-se principalmente pelos conceitos de reforço e punição e no modo como conjuntos de crenças se transformam em comportamentos comuns a partir da cultura. Para essa pesquisa, foi feita uma entrevista online com características de grupo focal, seguida por uma análise de conteúdo dos dados obtidos por meio das respostas das participantes. A partir desse estudo, foi possível identificar os diferentes efeitos de religiões cristãs na sexualidade de um grupo de mulheres.

Palavras-chave: Sexualidade feminina; Religião; Cristianismo; Papéis de gênero; Construção social.

Abstract: This paper seeks to exhibit the results of a research presented for the Internship: Investigative Practices III of the Psychology program at PUC-MG, carried out intending to investigate how some Christian religions influence the formation of female sexuality. The hypotheses were mainly guided by the concepts of reinforcement and punishment and how sets of beliefs are transformed into common behaviors from the culture. For this research, an online interview was carried out with the characteristics of the focus group, followed by a content analysis of the data obtained through the participants' responses. From this study, it was possible to identify the different effects of the Christian religions on the sexuality of a group of women.

Keywords: Female Sexuality; Religion; Christianity; Gender Roles; Social Construction.

Resumen: Este artículo busca exponer los resultados de una investigación presentada en la disciplina de Pasantía: Prácticas Investigativas III del curso de Psicología de la PUC-MG, realizada con el objetivo de investigar cómo algunas religiones cristianas influyen en la formación de la sexualidad femenina. Las hipótesis se basaron principalmente en los conceptos de refuerzo y castigo y en la forma en que conjuntos de creencias se transforman en comportamientos comunes basados en la cultura. Para esta investigación se realizó una entrevista en línea con características de grupo focal, seguida de un análisis de contenido de los datos obtenidos a través de las respuestas de los participantes. A partir de este estudio, fue posible identificar los diferentes efectos de las religiones cristianas sobre la sexualidad de un grupo de mujeres.

Palabras Clave: Sexualidad femenina; Religión; Cristianismo; Roles de género; Construcción social.



¹Graduanda em Psicologia Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Faculdade de Psicologia, Belo Horizonte, Brasil. nathalia.sfreitas@outlook.com.br

²Graduanda de Psicologia Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Faculdade de Psicologia, Belo Horizonte, Brasil. iara.garcia@sga.pucminas.br

³Doutora em Educação. Professora Adjunto IV na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Faculdade de Psicologia, Belo Horizonte, Brasil. kfideles@hotmail.com

Introdução

De acordo com Figueiredo (2008, p. 20), a “[...] experiência de sermos sujeitos capazes de decisões, sentimentos e emoções privadas só se desenvolve, se aprofunda e se difunde amplamente numa sociedade com determinadas características”. É possível entender, fundamentando-se nessa perspectiva, que a formação da subjetividade de uma pessoa se dá a partir de elementos como a sua história, cultura, ambiente e relações sociais. Infere-se, portanto, que a sexualidade, enquanto dimensão constitutiva do ser humano, também está submetida a essas influências externas. A religião se torna, então, um importante fator a ser analisado como atuante na modulação da sexualidade feminina. O recorte aqui feito se dá pelo fato de que, histórica e sociologicamente, a religião cristã é considerada uma instituição de grande poder, que atua como uma potência para construção dos ideais do Ocidente.

Sabe-se, historicamente, que além da justificativa imperialista de conquistar novas terras, o argumento para desbravar mares desconhecidos era o de levar civilidade para os povos nativos e ‘selvagens’. Considerando esse aspecto da nossa história, pode-se observar como, a partir do século XVI, a religião se tornou uma instituição de dominação (AZEVEDO, 2004) no país e um elemento importante para compreender os múltiplos aspectos da identidade dos brasileiros. Hodiernamente, apesar da diversidade de religiões, o cristianismo ainda é predominante no Brasil. Segundo pesquisa realizada pelo Datafolha, em 2020 (O GLOBO), mais de 2/3 da população brasileira é cristã, considerando-se católicos apostólicos romanos e evangélicos. Sendo assim, pode-se afirmar que o Brasil é um país predominantemente cristão.

Além disso, não se pode ignorar que a influência da religião tem sido frequentemente vista como uma força inibitória, inclusive, contribuindo para o adiamento sexual, reduzindo ou até mesmo restringindo certos comportamentos, como a atividade sexual por adolescentes, antes do casamento (VERONA, 2011, p. 190). Em vista disso, elabora-se a hipótese de que, se a religião pode influenciar comportamentos, ela deve ter algum impacto psicológico na formação da sexualidade das mulheres.

Concluiu-se, a partir de um levantamento bibliográfico, que os sistemas de crenças, valores e opiniões externas são internalizados e gradualmente se transformam em comportamentos. Por consequência, despertou-se o interesse em entender como esses comportamentos são articulados, verificando a relação entre formação cristã e vivência da sexualidade em mulheres formadas a partir dessa crença.

Para Touraine (2011, p. 47 apud FONSECA, 2011, p. 221) “a liberdade das mulheres não seria completa se não as libertasse de toda referência a seu ser próprio, à sua natureza ou à sua ‘psicologia’”. Logo, essa pesquisa visa ampliar os conhecimentos que mediam psicologia, sexualidade e religião. O objetivo é proporcionar tanto uma visão científica sobre o tema, quanto oferecer aos psicólogos e entusiastas das áreas de pesquisa supracitadas, uma estimativa dos conflitos que podem ser causados por essa intermediação.

Referencial teórico

Do ponto de vista behaviorista, o comportamento é o resultado de três instâncias: a filogênese, a ontogênese e a cultura (SKINNER, 1981 apud NAVES; VASCONCELOS, 2013). A filogênese seria a influência natural e inata que acompanha toda a espécie; a ontogênese é dada a partir das respostas condicionadas, ou seja, é consequência da adaptação ao ambiente durante o seu período de vida; e, por fim, a cultura, atrelada à ontogênese, refere-se ao nível de coerção que modula os comportamentos com base na estrutura social. Para tanto, dois conceitos da análise do comportamento podem ser evocados: o reforço e a punição.

Segundo Borges e Medeiros (2007), o comportamento pode ser controlado a partir das suas consequências. Cada ação gera uma mudança no ambiente que, dependendo do resultado e da interpretação, pode reforçar ou não essa ação. Portanto, o conceito de reforço é atribuído quando a consequência de um comportamento aumenta a possibilidade de sua recorrência. Por outro lado, a punição seria uma força de coerção altamente eficiente que utiliza estímulos aversivos para diminuir a probabilidade de um comportamento voltar a acontecer. Essa consequência pode gerar comportamentos de fuga do estímulo

aversivo, cujo objetivo é retirar certo estímulo aversivo presente no ambiente, ou de esquiva, que seria uma maneira de “prevenir” esse estímulo antes mesmo que ocorra (MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p. 66).

Paralelamente, Skinner (1967) discorre acerca do método utilizado pelas igrejas para reforçar ou punir certos comportamentos. Por exemplo: nas religiões cristãs, os conceitos de “céu” e “inferno” ajudam a fortalecer a separação entre comportamentos virtuosos e pecaminosos, como também, conforme o caso, reforçados ou punidos. Por isso, a ameaça de perder o direito à salvação eterna, “gera automaticamente uma condição aversiva que o indivíduo descreve como um “sentimento de pecado” (SKINNER, 1967, p. 385), impactando diretamente o elo emocional, promovendo o comportamento de fuga e estimulando a penitência. Em decorrência disso, a religião se torna uma instituição altamente coercitiva, visto que a punição afeta o indivíduo psicologicamente, tornando aversivos comportamentos que inicialmente poderiam ser prazerosos, induzindo-o ao autocontrole. Nesse sentido, as igrejas tendem a punir comportamentos sexuais a partir do controle do corpo.

Historicamente, as igrejas cristãs reduziram o corpo feminino a um objeto pecaminoso a ser controlado. Campos (2010) argumenta que, inicialmente, o homem não conseguia ter a certeza da sua exclusividade sob a prole de uma mulher. Com base nisso, foi estipulado que o corpo feminino deveria servir apenas a um homem, em vista da procriação. Com isso, deu-se a domesticação da mulher e a punição daquelas que não dominassem seus corpos e, conseqüentemente – tendo presente que tal discurso foi endossado pelas igrejas, historicamente controladas por homens – cria-se no imaginário social a aversão à sexualidade feminina.

Bozon (2004, p. 37) ainda afirma que “o pudor, a possibilidade da continência sexual, a moderação, a ausência de desejo foram consideradas qualidades naturais (femininas)”. Apoiada pela narrativa cristã, a dicotomia “Maria” e “Eva” deu forma aos personagens femininos possíveis: enquanto a primeira remete à pureza, à submissão e à bênção de Deus; a segunda representa o pecado, o desejo e a expulsão do Éden (BARRETO e CECARELLI, 2015). Portanto, Eva é a lembrança do que seria punido se não fosse evitado e Maria é a representação de um comportamento a ser reforçado. A partir disso, cria-se uma associação, cultural e ontogênica, do comportamento sexual feminino como algo pecaminoso. Mary del Priore (1995, p. 135) assevera que “não foram poucos os que fustigaram o corpo feminino, associando-o a um instrumento do pecado e das forças diabólicas que ele representava na teologia cristã”.

Elabora-se, portanto, a hipótese que as crenças cristãs, intrínsecas na cultura ocidental, podem afetar a sexualidade feminina através de mecanismos de controle e repressão, resultando na culpa. Cabe analisar, ao longo deste artigo, a veracidade dessa afirmação, bem como as maneiras pelas quais esse fenômeno ocorre.

Aspectos metodológicos

Para analisar os efeitos da crença cristã na sexualidade feminina, a técnica escolhida inicialmente foi a entrevista online com características de grupo focal. Os grupos focais são uma técnica de apelo qualitativo que visam obter uma maior aderência por parte dos entrevistados. A escolha desse método justifica-se a partir da possibilidade de considerar a narrativa mais profundamente. Kind (2004, p. 125) define os grupos focais como uma forma de utilizar “a interação grupal para produzir dados e insights que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo.” Para tanto, foram selecionadas 4 mulheres na faixa etária de 18 a 25 anos, criadas em ambientes cristãos.

Por meio da plataforma online de videoconferência Microsoft Teams, conduziu-se a entrevista apoiada em temas pré-definidos. O recurso online deve-se à situação pandêmica de Covid-19, corrente durante o período de realização desta pesquisa. Segundo Abreu, Baldanza e Gondim (2009) uma das principais vantagens da metodologia em grupo online é a possibilidade de manter as características essenciais do grupo focal sem a necessidade da presença física dos participantes. Além disso, por ser online, existe a vantagem de “abordar temas mais polêmicos [...] que seriam mais difíceis de serem apreendidos em uma reunião presencial” (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009, p. 10).

Após a divulgação da pesquisa pela plataforma de mensagens WhatsApp, obtivemos 27 respostas de interesse. Dessas, 2 estavam fora da faixa etária desejada e 9 não deixaram o contato para que a entrevista

pudesse ser marcada. Com as 16 restantes, estabelecemos o critério acerca da religião atual das entrevistadas, com o objetivo de garantir a diversidade de experiências. Foi decidido que no grupo haveria 2 mulheres que permaneceram cristãs e 2 mulheres que haviam mudado de religião. Para finalizar, a partir desses critérios foi utilizado o método de amostragem aleatória a partir da ferramenta de análise de dados do Microsoft Excel para selecionar a amostra final.

Foi realizada, então, uma reunião, com a duração aproximada de 1 hora e 15 minutos, para discutir as pautas que abrangeram temas como a educação sexual recebida, a percepção sobre a influência externa e as experiências vividas. As entrevistadas estavam cientes do objetivo de pesquisa, porém a entrevista foi conduzida livremente, com intervenções das pesquisadoras apenas para apresentar novos temas ou corrigir alguns desvios.

Após a coleta dos dados, o método de análise escolhido foi a análise de conteúdo. Segundo Chizzotti (2006, p. 114), a análise de conteúdo tem como objetivo “garantir a imparcialidade objetiva, socorrendo-se da quantificação das unidades de texto claramente definidas, para gerar resultados quantificáveis ou estabelecer a frequência estatística das unidades de significado”. Além disso, cabe ressaltar que todas as participantes foram notificadas e orientadas do caráter investigativo da entrevista, bem como garantidas do sigilo de todas as informações coletadas. A análise dos dados seguiu o modelo proposto por Laurence Bardin em seu livro *Análise de Conteúdo* (2011). Na obra, a autora resume sua metodologia em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Cassificação das falas das participantes em eixos temáticos, categorias e subcategorias com elementos em comum; a categorização propriamente dita foi feita em seguida, durante a fase de exploração do material. Na terceira e última fase, de tratamentos dos resultados, os dados brutos — categorizados em uma tabela — foram explorados e analisados de modo a fornecerem as informações necessárias ao desenvolvimento do problema de pesquisa.

Resultados

As participantes do grupo focal iniciaram o encontro se apresentando. A Participante 1 possui 24 anos, é moradora de Belo Horizonte e estudante de Psicologia. Foi criada como evangélica, mas relata nunca ter “se reconhecido” na religião e hoje se considera agnóstica. Ela também enfatiza o fato de se identificar enquanto mulher cisgênero e pansexual. A Participante 2 também possui 24 anos, é estudante de Direito e mora em Belo Horizonte, apesar de ter nascido e crescido no interior. Foi educada pela família como católica, mas hoje é evangélica e se identifica como heterossexual. A Participante 3 possui 21 anos, tornou-se evangélica aos 7 anos e segue a mesma crença ainda hoje. Ela não deixa claro onde mora, o que faz e como se identifica em relação à própria sexualidade. A Participante 4 possui 20 anos, é estudante de História e foi educada como evangélica, mas atualmente se apresenta como agnóstica. Apesar de não deixar clara a sua orientação sexual, diz estar em um relacionamento com outra mulher, embora tenha tido muitas dúvidas antes de assumir para si mesma a própria sexualidade.

Quanto ao contexto da entrevista, as participantes 2 e 3 relatam estar em casa, fato que parece incomodar a Participante 3, que cita a falta de privacidade. A Participante 1 diz estar em um salão de beleza, acompanhada de sua esposa. A Participante 4 não explica onde está, mas aparenta estar em casa e não sofre interrupções.

No que se refere à autopercepção, as Participantes 1 e 2 ressaltam em sua fala a visão que têm sobre si mesmas como pessoas abertas ao assunto da sexualidade, que prezam pelo respeito às crenças e expressões diversas. Ao contrário, a Participante 4 relata que, no passado, o sentimento predominante era o de vergonha. Além disso, as Participantes 2 e 3, ambas cristãs atualmente, possuem a compreensão do cristianismo como algo importante e positivo em suas vidas. Ambas relatam apreço pelo valor da autopreservação sexual. A Participante 2 destaca a percepção de que a escolha de não ter a vida sexual ativa antes do casamento é um tema que causa estranhamento aos outros.

Na mesma categoria, em relação à visão que possuem sobre outras pessoas, as Participantes 1 e 4

ressaltam, principalmente, a falta de entendimento das igrejas sobre a homossexualidade. Igualmente, as Participantes 1, 2 e 3 expressam certo incômodo com as opiniões da comunidade religiosa acerca de temas relacionados à sexualidade. Porém, as Participantes 1 e 3 pareceram demonstrar uma preocupação em fazer uma diferenciação entre os frequentadores da igreja e o que a igreja prega.

Quanto às suas crenças sobre a religião, todas concordam sobre a importância e influência do cristianismo. As Participantes 1 e 3 admitem já terem questionado sua religião. Quando a Participante 1 relata uma situação vivida envolvendo sua sexualidade e acrescenta que se sente mal ao descobrir que alguém é cristão, tanto a Participante 2 quanto a Participante 3 respondem discutindo sobre a doutrina cristã bíblica e sua adequação aos dias atuais; ambas concordam que as igrejas prejudicaram algumas pessoas e que o julgamento não deveria ser um valor no cristianismo. Em seguida, elas ressaltam aspectos positivos da religião cristã.

A princípio, quando questionadas sobre o que era 'sexualidade', as respostas das participantes foram semelhantes, mencionando aspectos orgânicos e culturais: todas compreendem a sexualidade como uma forma de expressão, salientando as questões sensoriais, de desejo e prazer. Em relação à temática da 'liberdade feminina', a Participante 3 interpreta haver uma diferença entre os homens e as mulheres, pois o desejo sexual feminino não é algo bem-visto pela sociedade. Nesse sentido, a Participante 1 concorda e acrescenta que a masturbação masculina é vista de maneira normalizada pela sociedade, contrapondo a crença geral de que o corpo feminino deve ser preservado. As participantes 2 e 4, ao contrário, percebem que atualmente os comportamentos sexuais são amplamente incentivados, embora os direitos da mulher sobre seu próprio corpo ainda não sejam respeitados.

Quanto ao tópico 'pornografia', as Participantes 1 e 2 compreendem como algo comum e negativo. No entanto, enquanto a Participante 2 compreende que a pornografia marca o início da masturbação para os meninos e conclui que o fato de as mulheres não serem incentivadas à prática sexual seja algo positivo, a Participante 1 tenta desvincular a masturbação do uso de pornografia. A Participante 3 relata ter se viciado em vídeos pornográficos muito jovem e atribui a causa ao tabu existente em torno do assunto. No que se refere à 'preservação sexual', as Participantes 2 e 3 contam que escolheram não ter relações sexuais antes do casamento e atribuem sua escolha à função de preservação.

Sobre suas 'vivências', as Participantes 2 e 3 relatam que o primeiro contato com sua própria sexualidade se deu através de vídeos pornográficos, ainda na infância; a Participante 3 resalta que a pornografia se tornou um vício para ela. A Participante 4 informa que a descoberta da sexualidade para ela ocorreu na escola, com as aulas de ciências. Em relação à 'educação sexual recebida', a Participante 2 conta que ela e sua família conversaram logo após ela ter tido contato com o tema, e os pais demonstraram uma postura aberta, incentivando o uso de anticoncepcionais quando ela iniciou sua vida sexual. Apesar disso, a Participante 2 admite que sentiu a necessidade de uma educação sexual mais estruturada, com foco na preservação do corpo e na escolha entre ter ou não experiências sexuais.

Quanto às 'experiências de cada uma com a sexualidade', a Participante 1 alega não ter assumido publicamente a sua orientação sexual até os 18 anos, apesar de ter se descoberto fora do padrão heteronormativo antes disso. Paralelamente, a Participante 4 declara que por muito tempo se sentiu inadequada em relação à própria sexualidade, tendo inclusive a crença de que se tratava de uma fase passageira. A Participante 2 relata ter se sentido pressionada ao perder a virgindade com o namorado, aos 16 anos; depois disso, teve uma vida sexual ativa até ter decidido se resguardar para o casamento. A Participante 1 conta que perdeu a virgindade muito nova, mas que apesar de se relacionar sexualmente com outras pessoas, só explorou o próprio corpo depois dos 18 anos.

No que diz respeito à 'educação religiosa', a Participante 2 acredita que, por ter sido criada como católica, teve uma formação mais liberal, tanto que tinha contato também com outras religiões ao crescer. A Participante 1 também relata que teve contato com diferentes religiões até se identificar como agnóstica e considera que todas possuem pontos em comum. A participante também conta que, quando mais nova, era membro ativo da comunidade evangélica, frequentando diferentes igrejas — ainda que se sentisse desconfortável — pois gostava das pessoas que faziam parte dos movimentos dos quais participava.

No que diz respeito às ‘perspectivas para o futuro’, as Participantes 2 e 3 revelam o desejo de casar e formar uma família. A Participante 2, nesse sentido, diz que casar é uma vontade dela, mas caso não encontre ninguém com os mesmos propósitos que os seus, não se importaria em continuar solteira. No entanto, a Participante 4 compartilha que, embora, sinta-se atraída por mulheres, deveria se casar com um homem, pois corresponde ao que a Bíblia e a mãe querem. Ela relata ainda que tenta desconstruir essa ideia, mas sente dificuldade. Além disso, as Participantes 1 e 2 comentam interessar-se pela maternidade. A Participante 1 declara a aspiração de adotar, contando ainda que foi orientada pela sua advogada a não realizar uma histerectomia — um desejo antigo seu — antes de finalizar o processo de adoção, pois o ato poderia ser considerado uma falta de instinto materno.

Considerações finais

Pode-se observar a influência do cristianismo na formação dos valores e visão de mundo das entrevistadas, mesmo daquelas que não seguem mais a religião, embora tal influência seja variável entre elas: enquanto uma exterioriza uma interferência em sua maior parte negativa nas suas experiências, a outra atribui um peso positivo do cristianismo na vivência da sua sexualidade. Foi possível contemplar, em uma delas, o conflito entre as crenças religiosas atuais e uma visão da prática sexual como algo natural e positivo, gerando culpa; da mesma forma, verificou-se em outra como suas crenças religiosas passadas e o modo como vive sua sexualidade atualmente resultaram na insegurança e relutância em tomar decisões.

Nesse sentido, houve uma confirmação da hipótese inicial, a partir do relato, da existência de uma repressão dos impulsos sexuais enquanto mecanismo de preservação e de um antagonismo entre as crenças religiosas e a vivência da sexualidade em mulheres, resultando em sentimento de culpa e vergonha. Depreende-se, também, que a sexualidade ainda é associada a estímulos aversivos, o que permite a autopreservação funcionar como um mecanismo de fuga desses estímulos. Dessa maneira, infere-se que a religiosidade é um dos principais fatores agindo na construção e na expressão da sexualidade feminina.

Percebeu-se uma visão mais positiva do cristianismo por uma parte do grupo que, apesar de não aprovar a continuidade de certos mecanismos de controle utilizados pelas igrejas no passado, relacionam a crença às abstrações como ‘liberdade’ e ‘preservação’, associando ainda a sexualidade a riscos como doenças, abuso sexual e vício em pornografia. Outra parte das entrevistadas, no entanto, tem uma interpretação menos favorável, evidenciando a punição — na forma de preconceito, exclusão e violência — direcionada, em especial, à comunidade LGBTQIA+. Ainda assim, destacou-se durante a pesquisa a urgência do acolhimento dessas pessoas e do diálogo sobre temas relacionados à sexualidade em espaços religiosos.

Outro ponto levantado é o de que as mulheres são menos estimuladas a exercer sua sexualidade em comparação com os homens. Complementarmente, percebeu-se também, a partir do relato, que a sensualidade é hiperestimulada pela sociedade. Para a maioria das participantes, ambos os fenômenos são vistos como negativos. Isso posto, reforçou-se que a educação afetivo-sexual, durante a infância e a adolescência, é o caminho ideal para enxergar e exercitar a sexualidade de maneira saudável na vida adulta.

Referências

ABREU, Nelsio Rodrigues de; BALDANZA, Renata Francisco; GONDIM, Sônia M. Guedes. Os grupos focais on-line: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. *JISTEM J. Inf. Syst. Technol. Manag.* (Online), São Paulo, v. 6, n. 1, p. 5-24, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.4301/S1807-17752009000100001>. Acesso em: 02 mar. 2021.

AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 109-120, dec. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300000>. Acesso em: 28 jan. 2021.

AZEVEDO, Reinaldo. *O IBGE e a religião*. VEJA, 29 jun. 2012. Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>. Acesso em: 03 nov. 2020.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BARRETO, Ocilene Fernandes; CECARELLI, Paulo Roberto. Eva, Maria e Lilith: corpo de delito. *Estudos de psicanálise*, Belo Horizonte, n. 43, p. 129-137, jul. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 fev. 2021.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

CAMPOS, Andrea Almeida. As Bruxas retornam: Cacem as Bruxas! Um argumento para o controle histórico da sexualidade feminina. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 9, n. 104, p. 64-72, 3 jan. 2010. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9151>. Acesso em: 15 fev. 2021.

DATAFOLHA: 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos, e 10% sem religião. O Globo. Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 2020. Sociedade. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/datafolha-50-dos-brasileiros-sao-catolicos-31-evangelicos-10-nao-tem-religiao-24186896>. Acesso em: 25 fev. 2021.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

FIGUEIREDO, L.C. ; SANTI, P. L. R. *Psicologia: uma (nova) Introdução*. 2a.ed., São Paulo: Educ, 2000.

FONSECA, Maria Elizabete Melo da. Religião, mulher, sexo e sexualidade: que discurso é esse?. *Parallelus Revista de Estudos de Religião-UNICAP*, v. 2, n. 4, p. 213-226, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.25247/paralellus.2011.v2n4.p213-226>. Acesso em: 28 jan. 2021.

KIND. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 10, n.15, p. 124-136, 2004.

MOREIRA, Márcio Borges; DE MEDEIROS, Carlos Augusto. *Princípios básicos de análise do comportamento*. Artmed, 2018.

NAVES, Ana Rita Coutinho Xavier; VASCONCELOS, Laércia Abreu. Análise de interações familiares: um estudo de caso. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 149-158, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200004>. Acesso em: 4 nov. 2020.

SKINNER, B. F.. *Ciência e comportamento humano*. J. C. Todorov, & R. Azzi, Trads. 1967.

SKINNER, B. F.. Seleção por consequência. *Rev. bras. ter. comport. cogn.*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 129-137, jun. 2007.

TOURAINE, Alain. *O Mundo das mulheres*. Tradução: Francisco Morás. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VERONA, Ana Paula de Andrade. Explicações para a influência da religião no comportamento sexual de adolescentes no Brasil: efeitos diretos e indiretos. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 28, n. 1, p. 187-201, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-30982011000100010>. Acesso em: 18 maio. 2020.

Recebido em: 27/07/2021

Aprovado em: 28/03/2022